

# REFLEXÕES SOBRE A ARTE DE GRAMÁTICA DO PE. JOSÉ DE ANCHIETA

Erasmu d'A. MAGALHÃES

A releitura atenta dos textos produzidos por religiosos missionários permite ao leitor afirmar, sem perigo de incidir em erro, que, no primeiro momento de atuação em terras americanas, tinham como meta primordial aprender e bem conhecer a língua dos naturais da terra e fazê-los aprender a ler e escrever.

Tal atitude foi seguida pelos inacianos e seguidas, também, por parte de outros religiosos regulares. Foram empregados muitos anos para a aprendizagem e divulgação de línguas indígenas por meio de gramáticas e noções de doutrina cristã, fato que ocorre não só na América portuguesa, como também na América espanhola. F. Zubillaga é um bom exemplo do que está sendo dito:

"Después que se puso aqui um padre (referência a sacerdote conhecedor da língua mexicana Tarasco) que sabe la lengua de los índios desta provincia se ve en ellos mucho acrecentamiento en virtud, y oyen de muy buena gana los sermones que el dicho padre, les predica, todos los domingos, de ordinário, muchos con deseos de confesarse, de sorte que nunca faltam confesiones algunas de ellas generales.<sup>1</sup>

Frente à diversidade de idiomas indígenas, duas alternativas: fazer com que os indígenas aprendessem a língua do colonizador ou estudar e, posteriormente, utilizar o(s) idioma(s) da terra descoberta.

<sup>(1)</sup> ZUBILLAGA, F. (1974). Las lenguas indígenas de Nueva Espana en la actividad jesuita del siglo XVI. **Montalban**, Caracas, p.105-156.

Em conformidade com as determinações das constituições da Companhia de Jesus, o missionário optou (ou deu preferência) pela segunda iniciativa.

No século XVI, o Pe. Manoel da Nóbrega afirmou:

"Trabalhamos de saber a língua deles (os Tupinambá) e nisto o P. Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias e aprender con elles a lingua.<sup>2</sup>

A consciência do conhecimento profundo do instrumento de comunicação, não permitindo ao indígena fazer o aprendizado errôneo de doutrina cristã, por deficiência de um aprendizado superficial da língua do selvícola por parte do conquistador, suficiente para cumprir suas obrigações, foi, sem dúvida, de capital importância para o processo de conquista. Diante do universo metafísico do nativo, o missionário teve presente o perigo de pregar o evangelho e ensinar catecismo se, por ignorância da esfera dos significados de termos, não soubesse bem selecionar os vocábulos indígenas, ressemantizados ou não.

Por certo um etnocentrismo condicionou o trabalho daqueles que vieram descrever as línguas aborígenes, condicionando-as ao único padrão referencial por eles conhecido (o latim) e que gozava de certa sacralidade por ser a língua oficial da Igreja. Mas não poucos foram os religiosos que souberam, com habilidade, se livrar desta camisa de força.

O fato de Anchieta ter estudado e escrito uma gramática sobre o legítimo tupi e não a língua geral falada pelos colonos e descendentes está a demonstrar que nem sempre o etnocentrismo foi levado a suas últimas consequências.

Os seis jesuítas chegados ao Brasil com o primeiro governador geral tinham como incumbência principal preservar os valores católicos tradicionais e os princípios da moralidade cristã, bem como ensinar noções de doutrina aos nativos da terra a ser colonizada. Representantes de um momento europeu renascentista, portanto altamente classicista, eles não tiveram pejo em buscar um denominador comum e necessário

---

<sup>(2)</sup> LEITE, Serafim (1954). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo, Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo. Vol I.

para bem realizar trabalhos de catequese no Brasil. Tal denominador comum foi o aprendizado de uma língua indígena, no caso o "tupi" (também denominado "tupi da costa", "tupi litorâneo", "tupi antigo"; modernamente Tupinambá), falado pelo grupo com quem mais e melhor privavam.

Anchieta após quarenta anos de convívio quase que contínuo e diuturno com os índios, tem preparado os manuscritos de sua **Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil**, publicada quando já havia dois anos de sua morte.

Sete são as edições da Arte de Gramática, a partir da segunda todas conforme a editio princeps de Coimbra. Plínio M. da Silva Ayrosa, fundador da Cátedra de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Universidade de São Paulo (Brasil), cuidou em bem apresentar as quatro primeiras edições<sup>3</sup>, onde colhemos muitas das informações abaixo.

### Primeira edição

*Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*/ Feyta pelo padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv. (*Trigrama da Companhia, cercado por faixa elíptica com estes dizeres: Nomen Domini tvrris fortissima, sobre grande vinheta*) Com licença do Ordinario & do Preposito geral/da Companhia de Iesv./Em Coimbra per Antonio de Mariz, 1595.

15,5 x 11,0 - 2 ff. prels. de front. e licenças, não num. , + 58ff. num. pela frente . As licenças são três + Augustinho Ribeyro, datada em Lisboa a 25 de setembro de 1594; do Bispo de Elva - Diogo de Souza, datada em Lisboa a 17 de dezembro de 1594 e a 19 do mesmo mês e ano, assinada por Pereira, diogo Lameira, Damião Daguiar e Antonio Dalmeyda. A primeira p. traz as seguintes indicações: *Arte/ de gramma/ tica da lingua mais/ usada na costa/do Brasil./*

<sup>3</sup> AYROSA P. M. da Silva (1943). **Apontamentos para a bibliografia da língua tu-pi-guarani**. São Paulo, Universidade de São Paulo. (Etnografia e Tupi-Guarani - Bol. no 4).

*Feita pelo P. Joseph de Anchieta Theologo & Provincial que foy da Com-/panhia de Iesu nas/ partes do Brasil. Segue-se: Das letras. Cap. I. No v. da última f. lê-se: Laus Deo*

### **Segunda edição**

*Joseph de Anchieta, /Arte/ de grammatica/ da lingua mais usada/ na costa do Brasil,/ novamente/ dado à luz/ por/Julio Platzmann,/ Cavalleiro da Ordem Imperial Brasileira da Rosa./Mansit lingua per Adam primitus/ data... in ea parte hominum.../ quae Dei portio permansit./ Origenes. /Lipsia,/ Na Officina Typographica de B. G. Teubner./1874.*

### **Edição em Alemão**

No mesmo ano de 1874, Platzmann publica uma edição em alemão. Segundo P. Ayrosa é "tradução muito bem feita". *Grammatik/ der/ Brasilianischen Sprache/ mit zugrundelegung des Anchieta,/ herausgegeben/ von/ Julius Platzmann,/ Riter des Kaiserl. Brasilianischen Rosen ordens./ (Epígrafe de Origenes)./ Leipzig./ Druck von B. G. Teubner./ 1874.*

### **Terceira edição**

*Arte/ de Grammatica/ da lingoa mais usada na costa/ do Brasil/ feita pelo/P. Joseph de Anchieta./ Publicada por/Julio Platzmann./ Edição facsimiliaria Stereotypa./Leipzig/B.G. Teubner/MDCCCLXXVI*

### **Quarta edição**

*Arte/ de/ gramática/ da/ lingua mais usada/ na costa do Brasil/ feita pelo P. Joseph de anchieta/ Edição da Biblioteca Nacional/ Rio de Janeiro./ Rio de Janeiro/Imprensa Nacional/ 1933.*

16,5 x 11,5 - front. a duas cores. v. e. b. + 3 ff sem num. + 58 nums. pela frente + 1 f. sem num. com seguinte indicação no anv.: *Impresso/ na/ Oficina da Impressão/ da/ Imprensa Nacional.* A primeira das 3 ff. sem num. é ocupada por uma

Explicação, sem assinatura, datada aos 2 de julho de 1993, v. e. b. As ff. seguintes, também sem num., e as 58 nums. reproduzem exatamente as da ed. de 1876

#### **Quinta edição**

*Arte/ de/ Gramática/da/ lingua mais usada/ na Costa do Brasil/ feita pelo/ Padre José de Anchieta/ Edição Fac-similar/ 1946/ Editora Anchieta SA/ Rua Xavier de Toledo, 216/ São Paulo.*

Com prefácio do filólogo Pe. Augusto Magne (p. 1/v)

#### **Sexta edição**

*José de Anchieta/ Arte/ de/ Gramática/ da Língua/ mais usada/ na/ costa do Brasil/ Edição fac-similada/ em homenagem/ ao/ Venerável Beato/ quando/ da/ visita/ de/ Sua Santidade/ o/ Papa João Paulo II/ à/ Bahia/ Universidade Federal da Bahia/ Salvador/ julho de 1980. Fac-simile da edição publicada por Platzmann (1874), exemplar existente na Biblioteca Frederico Edelweiss do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia.*

#### **Sétima edição**

*Arte de/ Gramática da/ Língua mais usada na costa do Brasil/ Edição fac-similar/ Obras completas/ 11º volume/ São Paulo, Edições Loyola, 1990.*

Nas páginas iniciais (7-17) há uma "Apresentação", na realidade é um estudo, de Carlos Drumond. Completa o volume "Aditamentos" (índice analítico da gramática, leitura da gramática, etc.), autoria do Pe. Armando Cardoso.

A presente edição faz parte da **Monumenta Anchieta**, publicada em convênio com a "Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta".

Da edição coimbra da **Arte de Gramática** existem atualmente sete exemplares, distribuídos por diferentes bibliotecas: 1) Biblioteca

Pública e Arquivo distrital de Évora, 2) Biblioteca Nacional de Madri, 3) Biblioteca Nacional Vittorio Emanuele de Roma, 4) Arquivo Geral da Companhia de Jesus, em Roma, 5) Museu Britânico de Londres, 6) Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (dois exemplares).<sup>4</sup>

Como ensina Francisco Faria<sup>5</sup> "este livro do Padre Anchieta foi brevemente resúmidado nas págs. 274 a 277 da conhecida **Historia Naturalis Brasiliae** de G. Pison e G. Marggrav, publicada em Leiden no ano de 1648, no capítulo intitulado **De Lingua Brasiliensum é Gramatica P. Joseph Anchieta S. J.**, e ainda mais brevemente nas páginas 179 e 180 do terceiro volume das *Dissertationes Miscellanae* de H. Relando, publicadas em 1708 na cidade de Tréveris, no parágrafo que se intitula **De lingua brasilica ex Gramatica Anchietae**".

O saudoso linguista Joaquim Mattoto Câmara Jr. afirmou que o jesuíta, particularmente Anchieta, fez "um trabalho de disciplinarização, de interpretação do Tupi, de acordo com certos ideais, certos preconceitos sobre gramática geral, que era no fundo da gramática latina"<sup>6</sup>. Talvez fosse melhor dizer que tal gramática tão somente poderia servir como modelo formal, diríamos de descrição da língua dos naturais da terra, havendo respeito pela estrutura quando no trato com o sistema sobre o qual se escrevia a gramática.

O capítulo IV da *Arte de Gramática* é uma boa demonstração de como Anchieta soube, e bem, guardar distâncias em referência à gramática latina. Passemos à transcrição:

"Dos nomes. Cap. III

Os nomes não tem casos nen numeros distinctos salvo vocativo, com esta diferença, a saber, que os que tem acento na última, nada mudão, ut abá em todos os casos. Os que tem

<sup>(4)</sup> FARIA, Francisco L. de (1972). Os impressos quinhentistas portugueses referentes ao Brasil. *Rev. de Ciências Humanas*, Lourenço Marques, vol. IV (série A), p.176-181.

<sup>(5)</sup> Faria, op. cit.

<sup>(6)</sup> CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1965). **Introdução às línguas indígenas brasileiras.**

na penúltima perdem a vogal no vocativo, ut tuba, túb, xéruba, vel, xérup, xérira, xerair, xérait".<sup>7</sup>

O Pe. Antonio Ruiz de Montoya, ao redigir sua **Arte Y vocabulario de la lengua guarani**<sup>8</sup>, diferentemente do taumaturgo do Brasil, escraviza-se à gramática latina, utilizando sua morfologia e sintaxe.

Se não vejamos. No capítulo I ("Declinacion de los nombres") ensina:

"N Abaré	Sacerdote
G Abarambaê	Cosa del Sacerdote
D Abare upé	Para el Sacerdote
Ac Abaré	Al Sacerdote
Abaré	Sacerdote

E mais, enquanto Anchieta se ateu a vocábulos específicos do Tupinambá, Montoya estabelece um neologismo religioso (abará) de ordem semântica.

Era de se esperar o uso da gramática latina como modelo formal para descrever as "línguas exóticas" das regiões descobertas nos séculos XVI-XVII, haja visto a importância que se dava ao estudo da língua clássica nos colégios universitários. Foi no Colégio das Artes em Coimbra que Anchieta adquiriu o extraordinário domínio do latim que seus poemas permitem evidenciar.<sup>9</sup>

Este aprendizado por certo o transmitiu a seus alunos em São Vicente, não provavelmente com o rigor necessário, em razão das características da nova terra: "rudeza ou negligência dos discípulos", "pobreza que se padecia e faltas de achegas necessárias", "falta dos livros", como disse Quirício Caxa<sup>10</sup>, professor de latim e teologia no

(7) ANCHIETA, José de (1595). *Arte de gramática da lingua usada na costa do Bra-sil*. Coimbra, Antonio de Mariz. 9/9v Na realidade deveria ser 8/8v, pois deve ter havido falha na paginação da edição primeira.

(8) MONTOYA, Antonio Ruiz de (1640). *Arte e vocabulario de la lengua guarani*. Foi utilizada edição fac-similar, preparada por Silvio M. Luizzi. Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica, 1994.

(9) RAMALHO, Américo da C. (1976). *Coimbra no tempo de Anchieta. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Língua e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa.

(10) CAXA, Quirício. *Vida e morte do Padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro, Prefeitura do Distrito Federal, 1957. Introd. e aparato crítico de Joaquim Ribeiro.

Colégio de Jesus, onde orientou os estudos de Anchieta, antes de sua ordenação como sacerdote, em 1566.

Mas a faina do canarino não estava adstrita às aulas de latim e às atividades próprias do culto religioso. Havia que atender ao determinado pelo Pe. Manoel da Nóbrega, provincial com visão ampla, e estudar, aprender e ensinar a língua do indígena que mais de perto estava sob a tutela dos jesuítas - o Tupinambá - para assim se conseguir alcançar o intento missionário: a evangelização do gentio.

Quirício Caxa escreveu:

*"aprendeu a lingua da terra, pondo de sua parte, alem da muita facilidade que Deus para isso lhe tinha dado, muita exigência e aplicação, com o grande desejo que tinha de ajudar as almas dos naturais que por falta de obreiros padeciam muitas necessidades espirituais. E tanto de mais aprendeu que não somente chegou a entendê-la e falá-la com toda a perfeição, e compor nela e trasladar as cousas necessárias para a doutrina e catecismos: mas veio a reduzi-la a certas regras e preceitos e compor arte dela, com que os Nossos que aprendem a lingua muito se ajudam."*

Esse entendimento perfeito podemos notá-lo em várias partes de **Arte de Gramática**.

As primeiras gramáticas de línguas européias do século XVI preconizavam a existência de oito ou mais partes da oração. Anchieta indica, com precisão, cinco partes da oração no tupi da costa.

Há um cuidado e acuidade no estudo do verbo, presente em quase todos os capítulos, explicando o uso de sufixos modais e verbalizadores, raízes verbais, etc. As possibilidades mais correntes, ou comuns dos modos e tempos são apresentadas, não deixando, muitas vezes, de trazer informações de ordem morfológica e sintática. Aliás, ao contrário do ensinado nas gramáticas publicadas na época, Anchieta aliava, como um todo, a morfologia à sintaxe.

Com lucidez Jurn J. Philipson ponderou:

*"Creio que a Arte de Anchieta resiste a todas as críticas, desde que se leve em conta a época em que foi feita. É uma gramática que, embora decalcada sobre o latim, não o é tanto quanto geralmente se pensa, pois tantos são os dados específicos e novos, que de forma alguma poderiam constar, se o autor se tivesse limitado a preencher os vazios de um esquema preconcebido. O fator tempo que hoje dificulta muitas vezes o trabalho de campo de etnólogos e linguistas não entrava em consideração para Anchieta e seus muitos colegas de catequese, que tiveram, ao que tudo indica, um bom speaking knowledge (conhecimento de falar) da nova língua. Quanto à época, devemos nos lembrar que a primeira gramática portuguesa, a de Fernão de Oliveira, é de menos de cinquenta anos anterior à Arte e lhe é muito inferior na ordenação da matéria".<sup>12</sup>*

Como tem sido dito alhures, Anchieta não teve o intuito de escrever uma gramática filosófica. Foi-lhe determinado a preparação de um instrumento de trabalho para que o resultado da ação missionária alcançasse melhores resultados. Foi conseguido o intento.

---

<sup>(11)</sup> CAXA, Q., op. cit.

<sup>(12)</sup> PHILIPSON, Jurn J. (1957). Por que estudar tupi-Guarani? **Rev. da Universidade Católica**, Campinas, ano IV (12).